

AS DIFERENTES COMPREENSÕES DOS SONHOS E SUA APLICAÇÃO NO CUIDADO E NA CURA: uma abordagem bíblico-teológica e psicanalítica

The different understandings of dreams and their application in care and healing:
a biblical-theological and psychoanalytic approach

Junior Vasconcelos do Amaral (*)
Katia Lemos Gomes de Oliveira (**)
Vinicius Santos Amorim (***)

Resumo

Deste os tempos bíblicos já ouvíamos falar sobre sonhos. Após as grandes revelações de Deus aos patriarcas e demais personagens do Antigo e Novo Testamentos, os sonhos continuaram a intrigar os grandes doutores da Igreja Ocidental e, com o passar dos anos, cientistas e estudiosos também se interessaram em saber qual a finalidade dos sonhos. Muita especulação foi feita e, até hoje encontramos diversas formas de interpretar os sonhos à luz da ciência ou entender as revelações divinas sob a perspectiva teológica. No entanto, apesar de bastantes contestados, os estudos da psicanálise foram os mais aceitos a respeito da finalidade e do porquê sonhamos. Entre as revelações divinas e os pensamentos contemporâneos encontramos caminhos que levaram o ser humano a buscar conhecer-se e buscar o cuidado e a cura pelos sonhos.

Palavras-chave: Sonhos. Teologia. Psicanálise. Cura.

Abstract

Since the Bible times, we have heard about dreams. After the great revelations of God to the patriarchs and to other characters of the Old and New Testaments, dreams have continued to intrigue the great doctors of the Western Church and, over the years, scientists and scholars were also interested in knowing the purpose of dreams. Much speculation has been made, and to this day we find various ways of interpreting dreams in the light of science or understanding divine revelations from the theological perspective. None the less, despite many contested ones, the studies of psychoanalysis concerning the purpose and why we dream were the most accepted. Between the divine revelations and the contemporary thoughts, we find paths that have led the human being to seek to know himself and to seek care and healing through dreams.

Keywords: Dreams. Theology. Psychoanalysis. Cure

(*)Doutor em Teologia Sistemática pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), Bolsista CAPES com Doutorado Sanduíche na Université Catholique de Louvain, na Bélgica. Professor de Teologia Bíblica do Instituto de Filosofia e Teologia Dom João Resende Costa (PUC Minas). Membro do Grupo de Pesquisa “Bíblia em Literatura Cristã”, ligado ao CNPq. Pesquisa Narratologia Bíblica e Hermenêutica Bíblica Latino-americana.

(**)1 Graduação em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Belo Horizonte. Graduação em Nutrição pela Centro Universitário de Belo Horizonte UNI-BH. Pós-graduação em Gestão da Qualidade e Controle Higiênico-Sanitário de Alimentos pelo Instituto Racine – São Paulo. Pós-graduação em Teologia do Cuidado e da Cura pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC.

(***)Graduação em Cinema e Audiovisual pelo Centro Universitário UNA; Pós-graduação em Saúde Mental pelo Instituto Pedagógico de Minas Gerais. Psicanalista Clínico associado à AMAP Associação Mineira de Psicanálise. Participa do grupo de estudo da formação continuada e ministra palestras mensais no Cine Freud da AMAP. Realiza pesquisas sobre psicanálise, fantasia e trauma, depressão e suas implicações orgânicas e comportamentais.

1 INTRODUÇÃO

Todos nós sonhamos. Mesmo que não nos lembremos, ainda assim sonhamos. O sonho está presente na história de todas as pessoas desde os tempos mais primitivos. No entanto, com ele o mistério sobre o seu objetivo e razão também surgiram. Muitos foram os estudiosos que dedicaram sua vida a compreender a função e o trabalho do sonho. Este trabalho objetiva a ampliar a compreensão do que é o sonho para diferentes meios de pensamento e fará um trajeto desde os tempos mais antigos onde se tem registro dos sonhos até a teoria aceita na contemporaneidade, além de compreendermos qual o significado do sonho hoje e o objetivo que ele tem para o cuidado e a cura de cada pessoa.

2 O QUE É O SONHO

Os sonhos estão presentes na vida e história de cada indivíduo de uma maneira particular. Todos nós sonhamos, ainda que não nos lembremos e todas as noites, ao nos deitarmos, sonharemos. Apesar de ser algo tão comum e presente no nosso dia a dia, o sonho ainda hoje desperta curiosidade, fascínio e às vezes medo, em inúmeras pessoas. Seu propósito ainda é questionado e sua finalidade desconhecida. Muitos são os campos de pesquisa que buscam entender o mecanismo do sonho e trazer esclarecimento aos sonhadores.

No contexto a ser estudado, a palavra sonho, segundo o dicionário Aurélio (1975), vem do latim *somniu* e significa uma sequência de fenômenos psíquicos (imagens, representações, atos, ideias, etc.) que, involuntariamente, ocorrem durante o sono, podendo se apresentar de forma agradável ou aflitiva.

Segundo o dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento (1967), a palavra vem do grego **οναρ** (*onar*), “sonho” e significava para o Antigo Testamento, o judaísmo, o mundo grego e o Oriente Próximo antigo de modo geral, que os sonhos entendiam-se como o contendor de recados de Deus, sobretudo os sonhos recebidos por reis e sacerdotes.

Para os autores do dicionário de psicanálise Elisabeth Roudinesco e Michel Plon (1988, p. 722), o sonho é um fenômeno psíquico que se produz durante o sono e é predominantemente constituído por imagens e representações cujo aparecimento e

ordenação escapam ao controle consciente do sonhador. Segundo Roudinesco e Plon foi a partir do século XVIII que o termo passou a designar também uma atividade consciente que se expressa em imaginar situações e limitações desconhecidas da realidade material e social. (1988, p. 722).

Em seu trabalho intitulado “a história dos sonhos e seus avanços científicos”, o psicólogo Pablo Laffaet Stefanos Soares traz um panorama histórico acerca dos sonhos. Segundo ele (2017), os sonhos têm reunido os mais diferentes significados deste os tempos mais remotos da humanidade. No entanto, nestes tempos, eram atribuídos a fenômenos premonitórios. Os gregos antigos, porém, pensavam que os sonhos eram suas almas vagando enquanto dormiam. Já os egípcios se dedicavam a decifrar os sonhos, pois entendiam que sonhar podia ser uma mensagem dos deuses.

Segundo o professor de história das religiões da Universidade Estadual do Rio de Janeiro Edgard Leite, o debate sobre os sonhos está presente desde o desenvolvimento da literatura bíblica e das especulações religiosas do período do Segundo Templo.¹ Para ele, as tradições antigas consideravam os sonhos fundamentais para o entendimento de Deus e formas legítimas de contato com o mundo divino.

Em seu livro “A Interpretação dos Sonhos”, Sigmund Freud afirma que os antecedentes de Aristóteles não consideravam o sonho como um produto da psiché, como a psicanálise hoje acredita, mas sim como uma inspiração divina a fim de advertir ou anunciar o futuro à pessoa que os sonha, enquanto sonhos insignificantes ou fúteis somente servia para desorientar ou levar a pessoa à ruína.

Soares (2017) afirma, ainda, que no período da Idade Média, em que havia o domínio da Igreja Católica, principalmente entre os séculos V e X, as pessoas se dedicaram extremamente à religião. Para a ordem religiosa da época, os sonhos podiam ser interpretados como demoníacos ou de ordem da bruxaria, logo, qualquer forma de adivinhação ou interpretação dos sonhos era inaceitável, pois segundo os ensinamentos da época, tais interpretações eram vistas como uma afronta a Deus, visto que, somente Ele possui o conhecimento do futuro.

Ainda na Idade Média, a atitude dos filósofos era totalmente contraditória tanto ao pensamento da Igreja católica quanto ao pensamento contemporâneo da psicanálise.

¹ O **Segundo Templo** foi o templo que o povo judeu construiu após o regresso a Jerusalém, a vinda depois de anos no Cativeiro Babilônico, no mesmo local onde o Templo de Salomão existira antes de ser destruído. (Livro de Esdras 1.1-4 - Descrição da ordem de repatriamento e reconstrução do templo.)

Segundo Roudinesco e Plon (1988, p. 723), os filósofos daquela época consideravam a atividade onírica tão absurda e insensata quanto as afirmações dos dementes.

A atividade onírica foi depreciada por René Descartes (1596-1650), que a mencionou para invalidar o depoimento dos sentidos em matéria de estabelecimento da realidade. Ao contrário, Baruch Spinoza (1632-1677) atribuiu ao sonho um lugar específico. Na *Ética*, negando que a suspensão do juízo possa ser considerada um efeito de nossa livre vontade, Spinoza explica que temos repetidamente a experiência desse limite em nossos sonhos. “Não creio que exista nenhum homem”, esclarece ele, “que, durante seu sonho, pense ter o livre poder de suspender seu juízo sobre aquilo com que está sonhando, e de se fazer não sonhar com aquilo com que está sonhando; e, no entanto, mesmo nos sonhos, sucedenos suspender nosso juízo quando sonhamos que estamos sonhando.” (ROUDINESCO. PLON. 1988, p. 723).

Para Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), segundo Roudinesco e Plon (1988, p. 723) o sonho deve ser rejeitado enquanto atividade que escapa à análise dialética racional, mas entendido como preocupações, sistemas e teorias. Essa sua teoria foi aceita pelos poetas e filósofos do romantismo alemão e por alguns de seus sucessores como Wilhelm von Schelling, Friedrich Nietzsche e Arthur Schopenhauer. No entanto, o declínio do romantismo somado ao desenvolvimento do pensamento positivista banuiu o sonho a puro produto da atividade cerebral e, como tal, desprovido de sentido.

Após este pensamento, Freud se empenhou em combater essa concepção a partir dos trabalhos de Alfred Maury, Karl Albert Scherner ou do marquês Hervey de Saint Denys que o antecederam em suas teorias e se dedicaram ao estudo dos sonhos enquanto atividade psíquica. Em 1900, Freud publicou sua celebre obra “A Interpretação dos Sonhos”, talvez a obra de maior importância em seu legado, pois representa o início da psicanálise. Segundo a psicanalista Isabela Rosa de Oliveira, em sua obra “O simbolismo nos sonhos”, Freud afastou a temática das crenças religiosas e culturais acerca dos sonhos as quais o vinculavam a uma experiência premonitória e supersticiosa herdada da Antiguidade através do senso comum, além de descreverem minuciosamente o trabalho dos sonhos, sua importância e utilização no processo analítico.

Como vimos, a temática dos sonhos serve de grande interesse às mais variadas formas de literatura e de ciência. No entanto, este trabalho objetiva a fazer uma análise do papel dos sonhos da literatura bíblica, sua relevância à época e suas implicações na contemporaneidade, além de explorar o que a ciência afirma ser a teoria mais relevante

e aplicável para a atualidade, pois esta trará a resposta para o que procuramos com os sonhos: qual a importância dos mesmos para o cuidado e a cura do ser humano.

2.1 SONHOS NA TRADIÇÃO BÍBLICA

Para a tradição Bíblica de Israel, Deus se revela em sonhos. A palavra *halám*, do hebraico, designa sonhar. Diz-se em hebraico sonhar um sonho, significando muito mais um gênero literário, ou seja, uma forma de linguagem do que necessariamente uma revelação concreta. Os sonhos para a tradição bíblica de Israel correspondem em suma a uma forma de narrar a maneira de Deus revelar seus desígnios, sua vontade e a si mesmo, na maioria dos casos. Da mesma maneira que os anjos aparecem em muitas cenas bíblicas, em outras os narradores utilizam-se da figura de linguagem designada de sonho. O sonho era a forma de Deus revelar ao ser humano, numa via indireta, pois Deus mesmo não aparecia cotidianamente às pessoas, na maioria dos casos ele se revelava melhor em sonhos, ou exegeticamente dizendo, nos sonhos havia uma estrutura, um formato e também um conteúdo revelatório de Deus, que falava aos homens na experiência onírica, no mundo onde os formatos não estavam definidos como no real, dando a compreender muitas outras coisas, dando margem à decifração, à decodificação.

2.1.1 Sonhos no Antigo Testamento

Na tradição veterotestamentária, conhecida como Antigo Testamento, os sonhos, como estilo de linguagem, correspondem à forma de Deus se revelar ou revelar sua vontade. Nos sonhos, Deus fala com os homens. Assim Deus falou primeiramente a Abraão que ele seria pai de uma grande nação e lhe mostrar o futuro de sua descendência, assegurando-lhe que deles seria a Terra de Israel. Em seguida, a Jacó. Enquanto dormia, viu uma escada que se erguia do solo e cujo topo chegava aos Céus, pela qual, anjos subiam e desciam. No alto, estava o Deus Eterno, que falou a Jacó (Gn, 28, 12-13). Prometeu-lhe proteção e assegurou-lhe que a terra pertenceria à sua descendência. Através desse sonho extraordinário, Deus desvenda a Jacó não apenas o seu próprio destino, mas principalmente o futuro de seus descendentes. O terceiro sonho profético relatado no Pentateuco é o de José, que sonhou com os feixes nos campos (Gn 41). Chamado por seus irmãos de “sonhador” e “mestre dos sonhos”, José, que tanto em seus sonhos como em suas interpretações via a ação de Deus, é sem dúvida o mais

famoso interpretador de sonhos de todo o Pentateuco. Estes têm um papel muito importante em sua vida e, conseqüentemente, na história do povo judeu. Se por causa de um sonho iniciaram-se suas atribulações, a solução do enigma contido em vários outros sonhos funcionou como um tapete voador em seu caminho rumo ao poder, no Egito. José, através da revelação de seus sonhos, da interpretação que fazia galgou o alto escalão e tornou-se Primeiro Ministro do Egito. Os sonhos de José e a capacidade de interpretá-los o torna um homem de respeito e dignidade. Tanto respeito e dignidade que ele havia perdido entre seus irmãos quando estava em Canaã. Seus irmãos tinham ciúmes dele e tramam sua morte, mas se convencem de que podem vendê-lo apenas e assim o fazem, escondendo-o primeiro num poço, simulando sua morte e em seguida o vendem para uma caravana de Madianitas. Ele é levado para o Egito e lá cresce dia após dia graças à capacidade de interpretar os sonhos revelatórios de Deus. José torna-se o intérprete dos sonhos enigmáticos do Faraó. Este vê-se grato a José e o premia, convidando-o a ocupar a função de seu Primeiro Ministro, o alto escalão na Casa do Egito.

O gênero literário sonhos, desta maneira, leva-nos a compreender a reviravolta que Deus realiza na vida de José re-significando a miséria de sua existência: de um homem vendido, torna-o homem de respeito e dignidade no Egito, bem diferente daquilo que ele vivenciava entre seus irmãos, na Terra da Promessa. Uma ironia, um estrangeiro ter mais destaque no Egito que em sua própria terra. Ele só não se tornou grande e importante entre os seus por causa do ciúme e da inveja. José, posteriormente, nas narrativas do Gênesis, quando seus irmãos e seu Pai Jacó são obrigados a irem ao Egito em busca de comida para sobreviverem, paga seus irmãos e seu pai Jacó com a generosidade desmedida de seu coração, reinventando, assim, a experiência da fraternidade, que seus irmãos haviam desconstruído como Caim na relação com Abel no início de Gênesis. Os sonhos de José tornam-se uma arma benigna em suas mãos: ele prevê tanto tempos de glória e fartura, como tempos de derrota e fome para o Egito, sete anos de fartura e sete anos de miséria. Os sonhos de José fazem parte do plano revelatório e comunicador de Deus que fala a um homem justo aquilo que acontecerá na história dos homens, mesmo aos habitantes do Egito, os estrangeiros.

Os sonhos de outro personagem veterotestamentário, o Rei Nabucodonosor, são interpretados por um importante profeta chamado Daniel. Este também, nas narrativas

de Daniel é protagonista de sonhos e visões noturnas. A literatura apocalíptica, que dá sentido à teologia de Daniel se constitui de sonhos e visões. Sempre com uma característica enigmática, estes sonhos e visões comunicam de forma revelatória a vontade de Deus, sua comunicação aos homens e mulheres daquele tempo. No sonho do rei da Babilônia (Dn 2,1-49), Nabucodonosor vê uma grande estátua. A cabeça da estátua era de ouro, os braços e o peito de prata, o ventre e os quadris de bronze, as pernas de ferro e os pés de ferro e barro. Uma grande pedra é cortada sem auxílio de mãos, esta pedra choca-se com a estátua e a destrói. A pedra transforma-se numa grande montanha que cobre toda a Terra. O profeta Daniel explica ao rei que cada parte da estátua compósita corresponde à representação de um Reino, sendo a cabeça de ouro o reino da Babilônia, mas que todos os reinos que se sucederão irão passar e o último Reino, o da grande pedra, permanecerá para sempre. Os reinos do sonho de Nabucodonosor são: A cabeça de ouro o reino da Babilônia do próprio Nabucodonosor; o peito e os braços de prata são o reino da Pérsia; o ventre e os quadris de bronze são o reino Greco-Macedônico, fundado por Alexandre Magno; o reino de ferro é o reino de Roma; e o último reino representado na estátua é o reino dos tempos do fim, um reino que mescla o poderio romano, porém que não é puro, pois representa a união de diversos reinos.

No caso de Daniel, um livro apocalíptico por excelência, ou seja, de revelação, os sonhos cumprem a função de revelar, em linguagem enigmática e constitutiva, a vontade salvífica de Deus. Deus revela de forma codificada seus valores, propostas e ideais, que apenas um profeta judeu, na Babilônia, onde o povo hebreu esteve cativo entre 597-537 a. e. C, é capaz interpretar. Tal profeta é Daniel, que vive entre os cativos judeus na Babilônia. O sonho de Nabucodonosor corresponde ao desenrolar da história do Povo, que agora vive sob o domínio babilônico. O segredo do enigma do sonho é que Deus fará ruir por terra estes impérios que dilaceram e fazem sofrer a seu povo. O povo de Israel será vitorioso se confiar no Deus de Israel que porá fim um dia aos impérios humanos que assolam a nação chamada e constituída por Deus para ser seu povo.

2.1.2 Sonhos no Novo Testamento

No Novo Testamento os sonhos são menos frequentes, mas ainda existem, pois, sonhos, para a Tradição escriturística, significam muito mais que conteúdo revelado,

significam um gênero literário, uma forma de narrar. No Novo Testamento, há seis referências a respeito de sonhos, quatro delas são referentes a José, esposo de Maria (Mt 1,20). Pedro cita o profeta Joel em At 2, 17; jovens terão visão e velhos sonharão sonhos. Nada de sonhos que Deus sonhou pra eles. O sonho é, também no Novo Testamento, um gênero escriturístico, uma performance narrativa na qual Deus revela seus desígnios. Na narrativa de Mt 1,19, o narrador afirma que José, esposo de Maria, sendo justo e não querendo denunciá-la publicamente, pensou em despedi-la secretamente. Mas, no que lhe veio esse pensamento, apareceu-lhe em sonho um anjo do Senhor, que lhe disse: “José, Filho de Davi, não tenhas receio de receber Maria, tua esposa; o que nela foi gerado vem do Espírito Santo”. O sonho é um recurso narrativo que Mateus utiliza para revelar a intenção de Deus à vida de José, esposo de Maria. Embora, a intenção inicial seja revelar o conteúdo fundamental da narrativa: o nascimento de Jesus, o consentimento de José era essencial. Para revelar a José sua missão, segundo a perspectiva mateana, Deus utiliza-se do recurso do sonho e neste a presença de um mensageiro. O conteúdo formal é a mensagem: “Não tenhas receio de receber Maria.”. O gênero narrativo sonho poderia ser comparado ao gênero de anunciação ou também aparição como no caso do Evangelho de Lucas (1,26-38), no qual o anjo Gabriel foi enviado à Nazaré, na Galileia, a uma virgem prometida em casamento, chamada Maria. O gênero de anúncio cumpre a mesma função que o gênero literário sonho. Um, de modo direto e outro de modo indireto, pois o sonho se dá em estado de repouso enquanto o outro em estado de vigília, quando se está acordado. Na mesma proporção, salvaguardando o formato, os relatos de sonhos ou aparições traduzem o mesmo significado: revelar um segredo, uma verdade a alguém.

Desta maneira, não diferente do AT, os sonhos no NT conotam revelação, uma verdade anunciada indiretamente por Deus. Os sonhos se configuram em gênero literário responsável por apresentar uma verdade velada pela experiência do sono, do inconsciente que parece ser via de comunicação com Deus, com o mundo misterioso e com as realidades da fé. Com razoabilidade pode-se afirmar que também os sonhos, mesmo que não aparentem certa clareza e distinção com o mundo da vigília, do que se vive acordado, pode ser uma instância revelatória do que está escondido em nós e do que pensamos e desejamos para nós, em relação ao que desejamos de Deus para nós. Na Bíblia, os sonhos comunicam ao mais profundo do ser humano o que ele pensa sobre Deus para si ou ainda o que Deus pensa e deseja ao ser humano. A revelação de Deus,

por meio dos sonhos, não é menos importante do que aquela comunicada diretamente quando os personagens bíblicos estão acordados e ouvindo o que Deus fala. O modo de falar dos sonhos comunica que no mais profundo de nós mesmos, no repouso, podemos nos comunicar com o misterioso divino, que habita em nosso íntimo, que vem mostrar o que ele deseja para nós ou ainda o que nós desejamos para nós mesmos.

2.2 SONHOS NA TRADIÇÃO TEOLÓGICA

Em sua obra intitulada “Deus, sonhos e revelação”, o autor Morton T. Kelsey, padre episcopaliano e professor da Universidade de Notre Dame, nos apresenta um vasto e detalhado trabalho sobre os sonhos. Segundo o autor (1996, p.210), quatro homens reconhecidos como doutores da Igreja Ocidental afirmam que os sonhos e visões são um meio de Deus revelar-se aos seres humanos. Estes acreditavam que o sonho é uma convicção expressa tanto na vida pessoal, quanto em suas produções teológicas. Tais doutores citados pelo autor, eram Ambrósio, Agostinho, Jerônimo e Gregório.

Segundo Kelsey (1996, p. 211), Ambrósio, bispo de Milão no final do século IV, deixou algumas cartas cujos conteúdos não deixaram dúvidas quanto a profundidade de suas convicções sobre os sonhos. Ele acreditava que os sonhos e visões são meios pelos quais as pessoas têm contato com quem já morreu, e vivenciam coisas que se encontram além do alcance dos sentidos corporais. Sua convicção era que, através dos sonhos, o Espírito Santo dá orientação e aviso às pessoas que precisam de apoio. Inclusive, Ambrósio afirmou ter recebido por espíritos proféticos através de um sonho a localização de corpos de mártires. Para ele, faz parte da sabedoria humana interpretar com prudência tais contatos com Deus, através dos sonhos.

De acordo com Kelsey (1996, p. 214), para Agostinho, homem de grande influência, não apenas no catolicismo ocidental, mas também no mundo Protestante, o estudo dos sonhos é um instrumento importante para a compreensão da psiché humana na relação com Deus e o mundo espiritual. Agostinho escreveu que as pessoas que estão adormecidas ou em transe podem experienciar conteúdos que vêm da memória, “ou por alguma outra força oculta que se vale da composição espiritual com substâncias espirituais semelhantes” (Kelsey, 1996 *apud* Agostinho,). Assim, aquilo que Jung considerou conteúdo da “psique objetiva”, era considerado pelos Padres da Igreja como

o espiritual, tendo acesso a conteúdos inconscientes, autônomos e de memória. Logo, nenhum ser humano tem poder ou controle sobre esse mundo.

Jerônimo, por sua vez, o sábio, como era conhecido, teve grande influência dentro da Igreja. Seu maior trabalho foi a monumental revisão da Bíblia grega para a Vulgata Latina. Segundo Kelsey (1996, p.220), o tempo em que viveu como ermitão e dedicou aos estudos lhe revelaram bons motivos para valorizar os sonhos e as visões. Para ele, o sonho é, sob certos aspectos, um tipo de profecia que Deus envia à alma como revelação se a vida da pessoa estiver voltada para Ele. No entanto, afirmou também que, as imagens oníricas podem transformar-se em idolatria, quando são buscadas e interpretadas isoladamente por aqueles que servem a outros se não a Deus. Para ele, o valor do sonho dependia de quem o procurava e de quem o interpretava. Por essa razão era enfático em dizer que explicar os sonhos é dever daqueles que têm a Palavra do Senhor. Jerônimo classificou os sonhos em cinco categorias: o sonho enigmático, o qual apresentava por meio de formas estranhas e variadas, o sonho profético, que objetivava prever o futuro, o sonho oracular, que, diferentemente do sonho profético, o qual era dado ao sonhador, era sonhado por seus pais ou indivíduo devoto e de respeito, o sonho tipo pesadelo, o qual era proveniente de uma aflição física ou mental ou ansiedade em relação ao futuro, e, por último, as aparições que, segundo o autor explica (1996, p. 224), “assalta as pessoas nos instantes entre a vigília e o adormecer... Elas imaginam espectros correndo em sua direção ou vagando à sua volta... de maneira perturbadora ou agradável”. Sobre este último, é importante destacar que, para Jerônimo, não havia distinção alguma entre sonhos e visões.

Duzentos anos depois, segundo Kelsey (1996, p. 226), o último grande doutor da Igreja, Gregório, o Magno, encontrou nos sonhos uma visão um pouco mais sombria e tenebrosa. Esta visão veio da polêmica discussão relacionada à poluição noturna, considerada pecado e proveniente de legiões demoníacas. Esta visão era compartilhada entre os religiosos tanto da época dos contemporâneos de Gregório quanto para os que o antecederam. Segundo Kelsey (IDEM), a soma da ignorância e superstição, que cercava Gregório naquela cultura em declínio que vivia, o fez tornar-se supersticioso em relação aos sonhos. Em uma de suas obras², apontou vários exemplos de pessoas que receberam por revelações oníricas, avisos sobre a própria morte, como seriam recebidas no céu e relatos de como pessoas se dirigiram a Gregório em sonho.

² Obra *Diálogos*, tradicionalmente atribuída a São Gregório Magno (540-604, Papa 590-604).

2.3 SONHO E PSICANÁLISE

Apesar da perspectiva teológica que a Bíblia nos apresenta antes da E.C e nos Evangelhos, os sonhos são tratados de maneira diferente na contemporaneidade ocidental. Segundo Kelsey (1996. p.270) em todas as eras desde Hipócrates, frequentemente considerado "pai da medicina", sempre houve médicos que valorizavam os sonhos e procuravam compreender os sonhos por verem sua importância dentro da perspectiva médica. No entanto, estes cientistas não se preocuparam em relacionar os conteúdos oníricos com o inconsciente. Tampouco, relacionaram o sonho como uma realidade psíquica, tentando, ao invés disso, circunscrever sua atividade ao funcionamento físico do cérebro. Tudo o que foi escrito não passou de especulações até o surgimento da abordagem freudiana que relacionou de modo mais definitivo os sonhos ao inconsciente.

A teoria dos sonhos proposta por Freud em 1899 (originalmente publicada em 1900) vem como precursora da psicanálise e introduz os principais conceitos que Freud desenvolveu no final do século XIX. Segundo Kelsey (1996. p. 270), Freud foi o primeiro a revelar uma aplicação prática para a escavação do material inconsciente e do significado dos sonhos. Seu interesse principal como médico era curar pessoas, mas foi na tentativa de achar métodos que pudesse recuperar seus pacientes de perturbações mentais que encontrou as ferramentas adequadas na análise dos sonhos. Em essência, o que descobriu foi que a compreensão dos elementos dos sonhos capacitava as pessoas a ver o que lhes acontecia internamente, curando-se, assim, as neuroses. Para Freud, os sonhos tinham interesse ao mesmo tempo teórico e prático. Segundo Soares (2017), Freud percebeu a necessidade que seus pacientes tinham em relatar seus sonhos. Esta necessidade vinha, principalmente porque estes relatos estavam cobertos de censuras e repressões. Para ele, a obra de Freud afirma que o sonho era uma tentativa de realização de um desejo reprimido inconsciente. É através do sonho que o sonhador descobre o que ele realmente anseia. No entanto, ele vem repleto de distorções, tornando assim, segundo a psicanálise, passíveis de interpretação. Kelsey (1996) acrescenta, ainda que,

O inconsciente quer falar o mais claramente possível através dos sonhos, a fim de exprimir seu significado e desejo, mas é impedido pelo consciente do sonhador. Grande parte do material onírico é odiosa para a personalidade consciente, a não ser que apresente sob forma distorcida. Assim, a personalidade dispõe de um poder de censura, responsável pela forma de que o sonho adquire diante da consciência.

Segundo Kelsey (p. 275), o desenvolvimento da concepção Junguiana acerca dos sonhos tinha uma diferença em relação a Freud. Orientado por uma perspectiva mais empírica, Jung sugeria que o inconsciente não pensa de modo racional, mas simbólico, metafórico, expressando-se através de imagens. Ele presumia que o inconsciente pensa racionalmente e deseja comunicar-se dessa forma através dos sonhos. Segundo Kelsey (p. 276),

O trabalho de interpretação onírica, segundo Jung, está em aprender um estranho idioma. Dotado de inúmeras nuances, em compreender a linguagem das comunicações simbólicas do inconsciente – a linguagem da arte, da literatura, da mitologia e do folclore. Para ele o inconsciente não tentava distorcer, nem enganar, mas simplesmente empregava o melhor meio de comunicação que dispunha.

Esta distorção a qual Jung desacreditava é, segundo Lopes (2012. p. 4) *apud* Garcia-Roza (1991), o conteúdo do sonho submetido para não deixar passar algo proibido pela censura, que deforma os pensamentos latentes no trabalho do sonho. Jung não acreditava nisso. Para ele, segundo Santos e Trindade (2004), não há sentido oculto detrás da imagem onírica. Seu conteúdo aparece inteiramente naquilo que é sonhado. Logo, o método de Jung reside apenas na investigação da própria imagem onírica.

Segundo James A. Hall (1983, p. 32), em sua obra intitulada “Jung e a interpretação dos sonhos”, Jung acredita que a interpretação dos sonhos nunca se esgota. Na melhor das hipóteses, é encontrado um significado útil e corrente para o sonho, que pode ser alterado à luz dos sonhos subsequentes, pois uma interpretação de sonhos envolve um diálogo contínuo entre o ego e o inconsciente, um diálogo que se estende indefinidamente e cujo tema pode mudar tanto de foco quanto de nível de referência. No entanto, mesmo quando os sonhos não são interpretados eles têm profundo efeito sobre a consciência desperta. Através da observação do impacto de sonhos não analisados, é possível concluir que os sonhos são parte vital da vida total da psique, mesmo quando não recordados. Na concepção Junguiana, os sonhos estão continuamente funcionando para compensar e complementar a visão que o ego tem da realidade.

Independente de qual seja a vertente psicanalítica, os sonhos são de grande importância para o indivíduo e para o processo de análise pessoal que este busca a fim de encontrar alívio para suas questões de saúde mental.

Em sua obra intitulada “Psicanálise dos sonhos”, o autor Gastão Pereira da Silva nos apresenta um vasto estudo a respeito da importância da interpretação dos sonhos para o conhecimento de si, bem como ferramentas para fazê-lo. Segundo ele (p. 77), os sonhos são o guardião da nossa saúde psíquica e alegria de viver, pois tem como

objetivo afastar todas as nossas preocupações desagradáveis, fontes de excitação prejudiciais que nos perturbam o repouso para transformá-las em motivos agradáveis e prazerosos. No entanto, o autor também diz que por vezes vimos esta fonte de prazer, que nos dá o sonho, abalada e invadida por perturbações. Desta forma, o autor nos diz que “um determinado fragmentos [pode] trazer a angustia, enquanto outro, o prazer.” (SILVA, 1968, p. 77).

Para melhor entendermos esta questão do prazer e da angústia, o autor (1968, p.19) nos apresenta um conceito acerca de duas realidades que vivemos: a vida objetiva a qual, chamou de vida externa ou a realidade propriamente dita e a vida subjetiva, ou seja, nossa vida psíquica, contendo a realidade interna a qual representa aquela que realmente desejamos. A primeira é agressiva e representa o desprazer, enquanto a segunda representa aquilo que idealizamos ou desejamos, por isso representa o prazer. E para que haja o equilíbrio entre as duas realidades, segundo o autor, a natureza nos deu faculdade de sonhar. Freud (1900) nos diz, em sua obra, que os sonhos são realizações de desejos. Esta afirmação do pai da psicanálise vem de encontro com o que Silva está apresentando. Para ele, é através dos sonhos que vivemos a “nossa vida” e através deles que realizamos nossos desejos, pois se na primeira vida (objetiva) temos a agressividade e o desprazer, o sonho trará à nossa vida subjetiva a capacidade de compensar, suavizar e substituir a dura e hostil realidade por outra totalmente diferente. Para Silva (1968, p. 19), “um novo mundo se descortina diante da alma e onde todas as nossas ações parecem absurdas, justamente porque as mais censuráveis, na sociedade em que vivemos, gozam, enquanto dormimos”. No entanto, certamente, e como foi dito anteriormente, nem todos os sonhos são lindos. Alguns nos atormentam e estes, sem dúvida também tem a finalidade de realizar todos os nossos desejos, por mais absurdos que estes possam se apresentar.

Silva (1968, p. 23) nos elucida que apesar de buscarmos no sonho uma espécie de compensação em outra realidade (a realidade do prazer, que não é possível ser vivenciada na vida objetiva) há uma espécie de censura onírica que nos impede de alcançar tão desejado prazer. Esta censura é responsável por impedir que nossos sonhos se apresentem límpidos, simples ou compreensíveis. Esta censura, segundo Silva (1968, p. 21), funciona tal qual na vida desperta, que nos vigia constantemente, pautando nossas atitudes, palavras ou sentimentos que não devem ser exteriorizados através de atos ou ações as quais o meio social condena. A censura onírica age da mesma forma e, é por causa dela que nossos sonhos não se apresentam límpidos, simples ou

compreensíveis, tal qual como desejaríamos que fossem. Importante ressaltarmos que o trabalho da censura está diretamente ligado ao desejo. Silva (p. 21) explica que nem sempre desejamos conscientemente uma coisa. Estes desejos passam, como explica o autor, “como relâmpagos” em nossa mente, mas que são rápidos e imediatamente condenados pela consciência (razão). Conforme o autor explica, apesar de repelirmos a ideia daquele desejo, o inconsciente guarda sua impressão. No entanto, este desejo altamente censurado também não pode manifestar-se no sonho, apesar de tentar, pois, como vimos, nossos sonhos sempre buscarão a satisfação do desejo. Porém, ao tentar romper a censura, esta apela a seu recurso máximo, despertando o indivíduo. Esse despertar que quase sempre é acompanhado de uma dolorosa angústia é o que popularmente é conhecido por “pesadelos”. Silva (1968, p. 23) explica que estes pesadelos deixam de cumprir seu objetivo (que é a realização dos nossos desejos), pois a maneira frustrada que o fez não pode ser elaborada de maneira clara, ou seja, “[...] quando a realização de desejos não pode ser elaborada de maneira clara, até mesmo para a pessoa que o sonha, os sonhos se utilizam de outro recurso para alcançar o mesmo fim.” (SILVA, 1968, p. 23). Este recurso utiliza-se dos símbolos, alusões e comparações para iludir a censura.

A febre está para o organismo, como as ideias simbólicas estão para os sonhos. O simbolismo onírico, sob certos aspectos, é a febre do inconsciente. As ideias recalçadas, disfarçadas, fantasiadas, realizam, embora sem a pessoa ter consciência disso, a satisfação dos desejos reprimidos, defendendo o psiquismo, como a febre quando defende o organismo. O indivíduo satisfaz, assim, simbolicamente, os seus desejos, e para o inconsciente essa procura simbólica do prazer é tão importante como se, em verdade, ela se realizasse conscientemente. (SILVA, 1968, p. 25).

O símbolo encobre a ideia condenatória que o indivíduo esconde como se fosse uma máscara. Em termos técnicos, o símbolo encobrirá o conteúdo que está latente. Segundo Silva (1968, p. 41), os sonhos têm conteúdo manifesto, o qual é apresentado por ideias claras e conteúdos latentes, que se escondem atrás dos símbolos e “todo o esforço do sonho está em transformar o conteúdo latente em conteúdo manifesto. Se ele não o faz é porque não pode” (SILVA, 1968, p. 45). Logo, o trabalho da interpretação buscará fazer este papel, através da elaboração onírica. Segundo Silva (p. 45), entendemos por elaboração onírica a maneira pela qual os sonhos se formam através de um processo que consiste em transformar todas as nossas emoções, sensações, ideias verbalmente concebidas, pensamentos latentes etc. em imagens visuais, pois o sonho é um fenômeno essencialmente visual.

2.4 O "CUIDADO E A CURA" PELOS SONHOS

Para Jung (1971, p. 22), a aplicação terapêutica da análise dos sonhos é um tema ainda muito controverso. Há os que consideram a análise dos sonhos indispensável no tratamento clínico das neuroses e conferem ao sonho função de importância psíquica equivalente ao da consciência. Por outro lado, outros contestam a validade da análise dos sonhos, reduzindo-os a um derivado psíquico insignificante.

Apesar deste debate, para Hall (1983, p. 36), os sonhos têm sido de grande importância para o auxílio da prática clínica, auxiliando o indivíduo a conhecer com clareza sua própria estrutura de personalidade inconsciente manifestada na vida externa. A ajuda profissional se dá quando este indivíduo se torna refém de sua própria neurose em função de seus conflitos internos. O profissional terapeuta o conduzirá para fora de sua neurose e o encaminhará para o processo de individuação³.

Para os psicólogos Elaine Aparecida da Silva e José Augusto Rodrigues Sanches (2011), a análise dos sonhos ajuda na evolução do tratamento, pois por diversas vezes agimos baseados naquilo que é tido certo aos olhos da sociedade e negligenciamos os nossos desejos. Caberá ao sonhos, então, expressá-los.

O conflito psíquico inconsciente atormenta e traz angústia, causando sofrimento ao indivíduo. Despreparado para lidar com este conflito, ele irá buscar ajuda e orientação profissional para melhor compreender o que se passa em seu interior. Logo, a análise dos sonhos na psicoterapia é fundamental, pois o analista pode investigar no paciente quais são seus conflitos internos, suas angústias, medos e porque eles ocorrem com maior ou menor intensidade. Assim, muito mais do que as palavras proferidas pelo paciente na análise, os sonhos são capazes de nos dar informação que nós mesmos "desconhecemos". Portanto, "não é possível dizer que um sonho é 'somente' um sonho, na medida em que ele é um ato mental a parte integrante da vida interior de cada um" (SAROLDI *apud* FORRESTER, 2009, p. 16)

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de a faculdade de sonhar ser tão antiga quanto se tem registro, os caminhos que levaram aos estudos do desvendamento da complexidade dos sonhos foram diferentes e contestadores. Ainda hoje encontramos opiniões divergentes sobre a

³Individuação: processo por meio do qual uma pessoa se torna consciente de sua individualidade, de acordo com C.G. Jung 1875-1961.

real forma de interpretá-los seja à luz da religião ou da ciência. No entanto, estamos certos de que a busca pelo cuidado e cura através dos sonhos têm sido cada vez mais aceita através de uma boa análise e conhecimento de si. É através disso que podemos conhecer e acessar partes do nosso ser que são mais difíceis e complexas de se entender, mas que, quando aceitas, trazem libertação daquilo que nos aprisiona e nos assombra durante a noite em forma de pesadelos.

REFERÊNCIAS

- BALDWIN, Joyce G. **Daniel: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova / Mundo Cristão, 1991.
- COENE, Lothar. BROWN, Colin. **Novo dicionário internacional de teologia do novo testamento**. Vol. IV: R-Z. São Paulo: Sociedade religiosa edições vida nova. 1967.
- FERREIRA, Aurélio Buarque Holanda. **Novo dicionário da Língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- FORRESTER, J. **A interpretação dos sonhos: A caixa-preta dos desejos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- FREUD, Sigmund. **Interpretação dos Sonhos**. Vol. IV e V. Rio de Janeiro: Imago Editora. 1900.
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Introdução à metapsicologia freudiana**. A interpretação do sonhos (1900), vol. 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
- HALL, James A., **Jung e a interpretação dos sonhos: Manual de Teoria e Prática**. São Paulo: Editora Cultrix. 1983.
- JUNG, C.G. **Ab-reação, análise dos sonhos, transferência**. 4 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1971.
- LOPES, Rosimeri Bruno. **Os sonhos como manifestação de desejos inconscientes**, 2011. Disponível em <<https://psicologado.com/abordagens/psicanalise/os-sonhos-na-concepcao-de-freud>>. Acesso em 08 de março de 2018.
- KELSEY, Morton T., **Deus, sonhos e revelação: interpretação cristã dos sonhos**. São Paulo: Paulus. 1996.
- ROUDINESCO, Elisabeth. PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1998
- SANTOS, Abrahão de Oliveira. Trindade, Tarso Ferrari. Tecnologia dos sonhos em Artemidoro, Freud, Jung e nos Warlpiri. **Revista de Psicologia**. Rio de Janeiro, vol. 26, nº 2, agosto 2014.

SILVA, Gastão Pereira. **Psicanálise dos Sonhos**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia. 1968.

SOARES, Pablo Laffaet Stefanos. **A história dos Sonhos e seus avanços científicos**. 2017. Disponível em <<https://psicologado.com/neuropsicologia/a-historia-dos-sonhos-e-seus-avancos-cientificos>>. Acesso em 08 de março de 2018.

OLIVEIRA, Isabella Rosa de. **O Simbolismo nos Sonhos**. 2011. Disponível em <www.circulopsicanaliticors.com.br/_files/artigo/27/563347aabbe0c.pdf>. Acesso em 08 de março de 2018.

(Recebido em junho de 2017; aceito em julho de 2017)